



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB**

**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**ANA LIS R. DOS SANTOS**

**GUSTAVO C. RUFFO**

**KARLA CHRISTINA P. BATISTA**

**JUNIOR ARTHUR C. DE OLIVEIRA**

**AMANDA DE S. M. ANDRADE**

**A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

**DIAGNOSE E INTERVENÇÃO**

**BRASÍLIA**

**2019**



**ANA LIS R. DOS SANTOS**  
**GUSTAVO C. RUFFO**  
**KARLA CHRISTINA P. BATISTA**  
**JUNIOR ARTHUR C. DE OLIVEIRA**  
**AMANDA DE S. M. ANDRADE**

**A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**  
**DIAGNOSE E INTERVENÇÃO**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Profa. Dra. Maria Eleusa Montenegro.

**BRASÍLIA**

**2019**

## RESUMO

Este trabalho teve como objeto o enfrentamento à violência em uma instituição de Educação Básica, na Região Administrativa de Brasília-DF, e procurou intervir no fenômeno da violência em suas várias dimensões, a saber, pedagógica, simbólica, física e material, praticada e sofrida por alunos, professores e corpo técnico. O objetivo foi aplicar medidas no combate à violência na escola, durante um ano escolar e verificar a eficiência dessas medidas. Para análise e discussão dos dados, foram utilizados os pressupostos das abordagens qualitativas e quantitativas, tendo sido adotada prioritariamente a epistemologia qualitativa proposta por González Rey, que a conceitua como sendo aquela que “defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta”. O instrumento utilizado para pré-teste e pós-teste foi um questionário semiestruturado aplicado a alunos. O período escolar, tanto da coleta de dados quanto do processo de intervenção foi o turno vespertino, por ser o de maior disponibilidade para os alunos bolsistas, que possuía 400 (quatrocentos alunos), os quais foram atingidos pelo processo de intervenção, tanto no recebimento e discussão dos 8 (oito) folhetos de Campanha para a Paz, quanto na participação das 5 (cinco) atividades planejadas (concurso de música e de dança, oficina de teatro, comemoração do dia da Consciência Negra e rodas de conversa sobre o Combate à Violência). Os resultados demonstraram que o trabalho desenvolvido teve repercussões positivas na escola, devendo, inclusive, continuar, que é o que está ocorrendo. Dos 25 alunos que responderam ao pós-teste, houve a participação em 23 das atividades; 16 receberam os folhetos e 12 os consideraram importantes; todos os alunos que participaram das rodas de conversa, consideraram que elas são importantes. 11 alunos disseram que o projeto contribuiu para a paz na escola, demonstrando que o trabalho teve influência no sentido subjetivo do aluno, demonstrando a interferência da subjetividade social e individual na produção de sentido subjetivo. Espera-se que o conhecimento resultante do trabalho seja passível de aplicação a outras instituições de ensino de Brasília.

**Palavras-chave: Violência na Escola. Enfrentamento à Violência; Campanha pela Paz.**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA</b>	<b>6</b>
<b>3 OBJETIVOS E HIPÓTESES</b>	<b>6</b>
<b>4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>7</b>
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>14</b>
<b>6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	<b>15</b>
<b>6.1 Resultados do pré-teste</b>	<b>15</b>
<b>6.2 Atividades Desenvolvidas</b>	<b>17</b>
<b>6.3 Resultados do Pós-Teste</b>	<b>19</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>22</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PRÉ-TESTE</b>	<b>24</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA PÓS-TESTE</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE C – MONTAGEM DOS FOLHETOS DISTRIBUÍDOS</b>	
<b>APÊNDICE D – MONTAGEM DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Este projeto teve como objetivo de pesquisa verificar a influência da interferência no combate à violência em uma instituição pública de ensino da Asa Norte, na Região Administrativa de Brasília-DF e procurou, objeto principal desta pesquisa, intervir no fenômeno da violência em suas várias dimensões, a saber, pedagógica, simbólica, física e material, praticada e sofrida por alunos, professores e corpo técnico, por meio de atividades e mensagens relacionadas à paz e ao combate da violência.

A violência na escola, atualmente, constitui um problema social, considerada um dos principais males da sociedade. Em parte, é responsável pela evasão escolar, pelo afastamento de professores (licença médica), causada por doenças psicossomáticas (estresse), pelo baixo rendimento dos alunos, enfim, pelo medo e insegurança que acometem as escolas na maioria das regiões do país.

Trata-se, portanto, de um problema da humanidade que, dialeticamente, ao mesmo tempo em que é causa, é também consequência, com profundos reflexos no ambiente escolar. Assim, vive-se um ciclo vicioso onde a violência urbana fomenta a violência familiar que, por sua vez, alimenta a violência na escola. Em 2013 já se divulgava que “44% dos professores da rede de ensino básico já haviam sofrido algum tipo de violência, sendo as mais comuns as verbais (39%) e as de assédio moral” (10%) (ESTADÃO, 2017).

Nas últimas décadas, sua banalização, por diversos meios, tem aproximado essa realidade de crianças e de adolescentes. Muito apresentado na mídia, as manifestações de agressão em escolas, de simples agressões a tentativas de homicídio, representam, dentre muitas falhas na sociedade, o enfraquecimento do símbolo de autoridade (FONTES, 2010).

Diante da situação de que há uma infinidade de diagnósticos sobre a questão da violência na escola, inclusive com propostas de ação, este trabalho pretendeu dar a sua parcela de contribuição no combate à violência, desenvolvendo ações que pudessem minimizar o problema. O objetivo geral deste projeto foi, durante um ano escolar, aplicar medidas no combate à violência na escola e verificar a eficiência dessas medidas na resolução dos problemas de violência.

## 2 JUSTIFICATIVA

Casos de violência em escolas ocorrem a todo instante no Brasil e no Mundo, como o caso ocorrido em outubro de 2017, em que um aluno do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular, localizada em Goiânia, atirou contra outros estudantes de sua turma, deixando 2 mortos e 4 feridos. O delegado responsável pelo caso afirmou que o atirador estava motivado, segundo ele, pelo *bullying* causado a ele por um colega específico, e que se inspirou, também, outras tragédias (JORNAL NACIONAL, 2017).

A escola e seus atores têm assumido até então a postura de vítimas, alheios ao fenômeno, muitas vezes na esperança de que a sociedade e suas instâncias (polícia e justiça) sejam responsabilizadas, eximindo-os assim dessa obrigação. No entanto, não se concebe um curso de formação de futuros profissionais da educação, que irão atuar na rede particular e pública de ensino, alijado do problema.

O presente trabalho pretendeu promover uma discussão-reflexão-ação para além da formação didático-pedagógica durante o processo de formação do professor. Objetivou discutir o tema de forma direta, clara e objetiva e, ao mesmo tempo, após a diagnose, implementar algumas ações que pudessem colaborar para a solução do problema da violência na escola.

## 3 OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo geral deste projeto foi, durante um ano escolar, aplicar medidas no combate à violência na escola e verificar a eficiência dessas medidas na resolução dos problemas de violência.

Os objetivos específicos foram:

- Diagnosticar situações e causas de violência física, material e emocional nas escolas, como pré-teste às ações a serem implementadas durante um ano letivo;
- Propor ações durante o desenvolvimento do projeto, a fim de diminuir as situações de violência na escola;
- Verificar o resultado das ações implementadas.

Ressalta-se que, por ser este trabalho uma pesquisa de cunho qualitativo, não havia a obrigatoriedade da elaboração de hipóteses, uma vez que esta metodologia promove a oportunidade, inclusive, do surgimento de novas hipóteses durante o trabalho, podendo ter seu curso alterado, desde que seja para se obter melhores resultados, atingindo assim seus objetivos. Nesse sentido, levantou-se algumas hipóteses prováveis que se esperava que fossem confirmadas ao final deste trabalho:

- É possível conhecer sobre a violência por meio de pessoas da comunidade escolar;
- O trabalho pedagógico realizado com ações e mensagens sobre a paz na escola poderá contribuir na solução de alguns problemas de violência e estabelecer novas relações sociais;
- O investimento da autoestima dos alunos e dos profissionais da educação poderá alterar comportamentos agressivos no ambiente escolar.

#### **4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O tema violência sempre foi e, infelizmente, ainda será por muito tempo motivo de investigação científica. A comunidade científica busca explicações sociológicas, antropológicas, filosóficas, psicológicas, econômicas; todos os setores organizados da sociedade procuram justificativas e soluções para reprimir a violência inerente ao ser humano. Além do mais, a questão sobre a violência e suas diferentes manifestações na sociedade brasileira tem-se multiplicado e diversificado enormemente nos últimos anos, especialmente a partir dos anos 1980.

O que se entende por violência? Por violência, segundo o Dicionário do Pensamento Marxista (apud GUIMARÃES, 2008, p. 91), entende-se

- a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária. [...] a intervenção física, na qual a violência tem por finalidade destruir, ofender e coagir [...]. A violência pode ser direta ou indireta. É direta quando atinge de maneira imediata o corpo de quem sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra [...] ou através da destruição, da danificação ou da subtração dos recursos materiais. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é o alvo da ação violenta.

De acordo com Waiselfisz e Maciel (2003), conceituar violência não é tarefa fácil. Além de sua amplitude, complexidade e ambiguidade, duas questões tornam ainda mais difícil sua conceituação. A primeira delas diz respeito ao fato de que o termo violência se apresenta como um significante cujos significados são histórica e culturalmente construídos. A segunda questão está associada ao fato de que o mesmo termo pode referir-se a situações marcadamente diversificadas. Em pesquisa realizada pela UNESCO, a violência pode ser considerada como parte da própria condição humana, manifestando-se de acordo com arranjos societários de onde emerge.

Segundo Costa (2007), a violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. Na violência, a ação é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador e ocorre quando há desejo de destruição.

Vive-se atualmente uma crise mundial em que a violência tem sido o principal instrumento dos seres humanos para enfrentar todos seus problemas sociais, profissionais, financeiros e até afetivos. Segundo a Teoria da Complexidade de Morin (2015, p. 17-19, grifos do autor):

À primeira vista, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acazos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas então a complexidade apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr ordem nos fenômenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de selecionar os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambigüidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar... Mas tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de a tornar cega se eliminarem os outros caracteres do *complexus*; e efetivamente, como o indiquei, elas tornam-nos cegos. (Grifos do autor).

Essa *cegueira* social coloca-nos literalmente numa postura comportamental tão grave e perigosa quanto aquela (no sentido literal) cuja falta do sentido da visão induz à



perda total ou parcial da realidade social. Essa complexidade é tão grave e comprometedor que, na maioria das vezes, restringe-se a discorrer sobre o tema, publicar belos artigos academicamente corretos sem, no entanto, efetivamente ousar iniciativas mais concretas. Sabe-se, no entanto, que existem vários tipos de cegueira, dependendo do grau e do tipo de perda da visão. Neste momento histórico, vivencia-se uma *visão reduzida*, ou seja, a cegueira parcial ou o daltonismo social em relação aos problemas da violência.

A Culturanálise de Grupos (CARVALHO, 1990) e a Teoria do Imaginário (G. DURAND, 2012), Yves Durand, (1980), Michel Foucault (1993) são algumas das teorias já desenvolvidas para explicar e ou justificar as representações simbólicas que permeiam os movimentos corporais ou gestos. A fisiologia, inclusive, já provou que o corpo humano aglutina sentimentos, pensamentos, atuação e ação ao movimento corporal. Ao passo que se move, o ser humano percebe o mundo em que vive e pode reagir pelo instinto (defesa ou ataque) ou pelo afeto (carinho, solidariedade etc.). Aristóteles (apud GOLEMAN, 2011) já dizia que “qualquer um pode zangar-se – isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa – não é fácil”. A civilização, em determinados momentos históricos, assume características de barbárie e, atualmente, com o advento da globalização, vive um momento de impasse: a sociedade se organiza para enfrentar a violência de forma definitiva ou não haverá prisões suficientes no planeta para conter todos os transgressores.

Ao traçar um quadro da violência no Brasil, Arrieta (2000, p. 94) afirma que “a história do Brasil é, sob certo aspecto, uma história social e política da violência”. Lembra as repressões às lutas populares nas diferentes regiões do país, salientando que nesse processo repressivo não se economizou força, não se pouparam vidas. É importante levar em consideração, também, o poder da sociedade em geral. É nesta perspectiva que se insere o estudo sobre violência que relaciona Estado e sociedade. O Estado aparece, assim, como uma instância que reflete as relações autoritárias existentes na sociedade e a maneira também autoritária de resolver seus conflitos e superar as diferenças e dificuldades nos campos econômico, social, político, cultural, assim como nas relações intersubjetivas de modo geral.

Alguns autores referem-se à família como condicionante ou antecedente de personalidades violentas, hipótese esta, objeto de ampla controvérsia, sendo rejeitada por muitos estudiosos do assunto. Em todos os grupos sociais existem famílias abusivas. Raramente, entretanto, é reconhecido que os pais podem praticar atos de violência, sendo eles considerados, muitas vezes, apenas como *nervosos* ou *agressivos*. Compreender como se estabelecem as relações dos alunos com seus familiares é ponto crucial para capacitar o profissional da educação a lidar melhor com o problema da violência.

De acordo com Candau, Lucinda e Nascimento (2001), a violência é uma realidade na qual suas manifestações intraescolares se apresentam como reflexo da violência social. Neste sentido, é um fenômeno fundamentalmente derivado, cuja dinâmica se origina na sociedade e se reflete na escola. Seu dinamismo é de fora para dentro. A marca constituída da violência seria a tendência à destruição do outro, ao desrespeito e à negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou ético.

Arendt (2009) diz que existem diversas hipóteses para explicar as violências nas escolas, recorrendo-se a múltiplas associações com as características e atributos das vítimas e dos agressores. Segundo o autor, constata-se que gênero é um aspecto observado. Os meninos se envolvem mais que as meninas em situações de violência, como vítimas ou como autores. O comportamento agressivo é associado ao ciclo etário. Na escola reproduzem-se os estereótipos étnicos, e o tratamento discriminatório por parte dos colegas e professores pode ser evidenciado.

Por outro lado, quando se fala em violência na escola, a questão da indisciplina na sala de aula é sempre lembrada pelos professores que hoje se sentem subjugados, enfraquecidos, acuados por uma parte dos alunos. Um aluno indisciplinado pode causar sérios prejuízos no contexto escolar. Acredita-se, ademais, que a escola está vivendo uma crise de autoridade, e os professores, muitas vezes, ficam sem saber o que fazer. Tentam compreender melhor o que está ocorrendo e passam a questionar os comportamentos ou atitudes que devem adotar diante do atual quadro, na tentativa de refletir e redimensionar as relações sociais na escola.

A agressão física, simbolizada pelo estupro, pelas brigas em família, pela falta de respeito entre as pessoas, pela ruptura da liberdade e dos direitos do cidadão, pela

invasão de privacidade, pela falta de solidariedade, pelo desrespeito aos direitos dos humanos: são modalidades de agressão que se caracterizam como física, psicológica, sexual e moral.

Na escola, infelizmente, grande parte dessas transgressões também acontece e a criança, por exemplo, que não assimilou regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido. Nesse sentido, Colombier, Mangel e Perdriaut (1999, p. 89) afirma que:

[...] alunos indisciplinados e mal-educados atormentam professores, e estes não apresentam condições para 'controlar a bagunça que corre solta dentro da sala de aula'. E o que é pior: não bastassem as conversinhas, os risinhos, as guerrinhas de papel, o respeito pela figura do professor passou a ser tão raro como uma nota 10 em redação.

A crise de autoridade - tanto familiar quanto educacional - inegavelmente tem suas bases na relação familiar. Perpassa o conjunto das relações nas diferentes instituições da sociedade, repercutindo de forma direta na escola a ponto de alguns professores decidirem abandonar a profissão por não saberem enfrentar o desafio.

Quando alguém se depara com a violência nas escolas analisa de formas variadas os seus efeitos, como: a frieza nas relações, a indisciplina, os confrontos ocultos, as diferentes formas de ameaça, a destruição do ambiente escolar, as grades e os muros erguidos. O fato já nos é conhecido, não temos a necessidade de imaginá-lo. A cena da escola como o centro da formação do pensamento da espécie humana, parece ter sido trocada pela cena de breves guerras civis, batalhas pequenas, porém visíveis a ponto de provocar um incômodo nos professores brasileiros (AQUINO, 1998).

Ainda em relação à questão da indisciplina, pode-se observar que a maioria das escolas, principalmente as públicas, parou no tempo. Não conseguiram incorporar a seu cotidiano as novas tecnologias e conteúdos aos quais os alunos têm tido acesso. Os alunos reivindicam aulas mais dinâmicas, mais criativas e com mais novidades; entretanto, a prática desenvolvida na maioria das escolas ainda está embasada na aula expositiva e no uso do giz-e-lousa. Obviamente isso não justifica o crescimento da violência; no entanto, acredita-se que possa contribuir sobremaneira para o *tédio pedagógico* a falta de adrenalina tão necessária às crianças e jovens em idade escolar.

Nesse sentido, compreende-se que, até pela necessidade de autodefesa, para os educadores de modo geral, a violência evidencia-se - de forma mais clara - na relação entre os alunos. Na perspectiva dos docentes, os discentes é que são violentos e geralmente os professores não se percebem *promotores* de atitudes de violência com relação aos alunos. É como se os professores, diretores e coordenadores pedagógicos fossem isentos de práticas violentas. Entretanto, muitas vezes colocam-se como autoritários, superiores, detentores do poder e das tomadas de decisões, ou seja, comportam-se como donos da instituição, seja ela pública ou particular.

Neste quadro de violência, a falta de indignação da população em relação ao problema, que considera apenas indisciplina por parte do aluno ou falta de autoridade por parte dos professores, diretores ou coordenadores, tem retardado a cada dia iniciativas para interromper tal situação.

Partindo da compreensão de que as contradições que perpassam o conjunto da sociedade se manifestam e se refletem no interior da escola, resolveu-se aprofundar e explicitar essas relações. De acordo com Constantini (2005), a violência explícita ou implícita no contexto escolar caracteriza-se por um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica que é genericamente conhecido como *bullying*.

Este fenômeno, ainda pouco estudado no Brasil, tem características especiais uma vez que, para ser visto como tal, necessita de algumas considerações e condições restritas ao comportamento do indivíduo no ambiente escolar. Daí sua complexidade, visto que geralmente a vítima é considerada aluno-problema com dificuldades de aprendizagem e ou baixo rendimento escolar, enquanto o aluno intimidador, provocador é considerado aluno indisciplinado. Interessante ressaltar que o *bullying*, tal como foi estudado em outros países (EUA, Itália, França etc.), não se restringe a conflitos normais ou brigas que ocorrem entre alunos, mas

verdadeiros atos de intimidação, preconcebidos, ameaças, que sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva na maioria das vezes a condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (CONSTANTINI, 2005, p. 69).

Já sendo um problema conhecido, porém que tem ganhado força nos últimos anos, o *bullying* é uma forma de violência presente em toda a sociedade, principalmente no ambiente escolar. Caracterizado como um ato agressivo, antissocial e repetitivo, sua crescente manifestação é deveras preocupante, em razão das vítimas apresentarem problemas psicológicos a curto, médio e longo prazo. Como os casos são específicos, é necessário, para sua resolução, o entendimento do contexto onde está inserido o agressor. O trabalho de um psicólogo no enfrentamento direto e prevenção do *bullying* vê-se indispensável no ambiente escolar (FREIRE; AIRES, 2012).

Há alguns anos atrás, a mídia divulgou amplamente o episódio do massacre de 34 estudantes na universidade Virgínia Tech, nos EUA, episódio trágico que chocou o mundo, uma vez que foi seu autor um jovem estudante que, pelas características comportamentais, físicas e emocionais, fora ou se sentira vítima de *bullying*. Houve outro episódio, conhecido como o “Massacre de Columbine”, também nos EUA, retratado no documentário “Tiros em Columbine”, do cineasta Michael Moore. Em abril de 1999, dois jovens, Eric Harris e Dylan Klebold, entraram na *Columbine High School* fortemente armados, assassinaram 12 colegas e uma professora, antes de acabarem com as próprias vidas. O fato chocou o mundo; talvez seja mais chocante o motivo que gerou a realização da chacina: eles eram vítimas de *bullying*. Não é preciso ir muito longe. No Brasil, já houve casos semelhantes de adolescentes armados em escolas, com desfechos trágicos. Atualmente, diversas pesquisas e programas de intervenção *antibullying* vêm desenvolvendo-se em países da Europa e nos Estados Unidos. Por enquanto, o Brasil restringe-se a discutir o tema, fazer palestras e quando muito, publicar artigos com objetivos meramente acadêmicos.

Uma pesquisa realizada em 11 escolas cariocas pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2004), no Rio de Janeiro, revelou que 60,2% dos casos de *bullying* acontecem em sala de aula.

Esses dados estatísticos, bastante alarmantes, têm chamado a atenção da sociedade em geral. O assassinato tem sido a principal causa de morte de adolescentes do sexo masculino em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília etc., e grande parte teve como cenário a sala de aula ou os pátios escolares. Daí a importância da intervenção pedagógica ainda na formação do educador. Mudar a cultura perversa da humilhação e

da perseguição na escola, trabalhar insistentemente na filosofia da inclusão, na aceitação da diversidade cultural, social, intelectual, sexual etc. e na tolerância religiosa e política. É preciso atuar decisivamente no ambiente escolar, enfatizando a importância de se considerar e respeitar as diferenças individuais, resgatando valores e princípios familiares, éticos e morais e, acima de tudo, a autoestima do jovem estudante brasileiro. Acredita-se que essa responsabilidade ainda está ao alcance das instituições formadoras. Para isso, é preciso identificar o *bullying* e conhecer todas as estratégias de como evitá-lo.

A escola e os educadores necessitam motivar-se para prevenir a violência, especialmente aquela cometida na família e no próprio ambiente escolar. Atitudes concretas, como a melhoria da qualidade de ensino, da relação interpessoal entre professores e alunos, da integração e atenção da escola na família são aspectos relevantes que podem prevenir a violência no âmbito escolar e familiar.

Portanto, é preciso levar em consideração a emergência e a evidência dos fatos acima e considerar as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) (BRASIL, 1996) e, ainda, os temas transversais (Ética, Cidadania, Educação Sexual e Desenvolvimento Sustentável) contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação (PCN/02) que enfatizam a necessidade dos professores cultivarem os valores éticos e morais ao longo do processo educacional, ressaltando informações e proporcionando situações vivenciais (oficinas, *workshop*, projetos, pesquisas, etc.); enfim, propiciar oportunidades reais para que os alunos estejam permanentemente em contato com as teorias e as práticas relativas ao processo de construção da cidadania. Esta foi a premissa que orientou o presente trabalho.

## **5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para análise e discussão dos dados, foram utilizados os pressupostos das abordagens qualitativas e quantitativas, tendo sido adotada prioritariamente a epistemologia qualitativa proposta por González Rey (2005, p. 5-8, grifos do autor), que a conceitua como sendo aquela que “*defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento*, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como *apropriação* linear de uma realidade que se nos apresenta”.

O cenário escolhido para a pesquisa foi o Colégio Gisno, situado no Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal. Trata-se de uma escola que possui as séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e que, apesar de estar situado em uma área nobre do Plano Piloto, atende alunos oriundos da periferia de classes média baixa e baixa.

O turno vespertino possui 400 (quatrocentos alunos), os quais, todos foram atingidos pelo processo de intervenção, tanto no recebimento dos 8 (oito) folhetos de Campanha para a Paz, previstos, quanto na participação das 5 (cinco) atividades planejadas, e efetivadas no período de um ano escola.

Entretanto, tanto para o pré-teste (APÊNDICE A), quanto para o pós-teste (este último aplicado após a implementação das ações) (APÊNDICE B), apenas uma turma foi escolhida. Para esses dois momentos, foi utilizado um questionário semiestruturado que verificou o antes e o depois do desenvolvimento das ações), a fim de comparar se houve alteração das atitudes dos alunos após a intervenção.

Os folhetos de campanhas contra a violência foram entregues mais ou menos a cada 20 dias de intervalo (os folhetos entregues encontram no APÊNDICE C, e fotos sobre as atividades, no APÊNDICE D).

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 6.1 Resultados do pré-teste

No total, 11 alunos responderam ao questionário, tendo em vista que este estava previsto para ser aplicado em apenas uma turma, sendo 8 alunos do sexo feminino e 3 do sexo masculino (todos entre os 12 e 16 anos de idade), pertencentes a uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II. Para a maioria dos alunos, a violência significa “agressão à integridade física, psicológica a uma pessoa ou a um grupo”. Enquanto o *bullying* se caracteriza como “atos de violência verbal ou física contra pessoas”. Percebeu-se, portanto, que **os alunos não sabem distinguir violência de *bullying*.**

“A busca por solucionar os conflitos por meio do diálogo e do entendimento, respeito aos direitos humanos no dia-a-dia, promover conceitos e ações de não-violência e uma cultura baseada em tolerância, solidariedade”, foi a definição mais assinalada para cultura da paz. Conclui-se, quanto a este aspecto, que **os alunos têm**

**boa percepção sobre o que vem a ser a cultura da paz.** Verifica-se aqui que a subjetividade social se encontra atrelada à subjetividade individual dos alunos.

De todos os 11, apenas 5 alunos afirmaram que não há violência na escola, enquanto os demais ressaltaram que existe e destacaram o *bullying*, a violência verbal e física (valentões contra indefesos), desrespeito, descaso, drogas e brigas, como os principais exemplos. Dentre os inúmeros motivos por trás da manifestação de violência em âmbito escolar, segundo um estudo feito por Garbin et al (2015), os principais são: distúrbios psicológicos e mentais, influência do meio e a assimilação de um comportamento por presenciá-lo ou por convívio rotineiro.

O tipo de violência apresentado como o mais frequente na escola (com 8 escolhas) foi a verbal e a violência química, seguido pelo desrespeito aos professores (7), *bullying* (6), desrespeito aos colegas (5), violência física, desrespeito aos funcionários e abuso de poder e de autoridade por colegas e funcionários (5).

Segundo os alunos, os locais mais frequentes de violência na escola foram, na ordem de mais destacados: na escola como um todo (7 escolhas); no recreio e na saída (5); na sala de aula (4); nos corredores (3); durante os esportes e nas imediações da escola (2); nos banheiros, no pátio e nas festas comemorativas (1 escolha cada).

As consequências que a violência trouxe para a escola, segundo os alunos foram, principalmente: o baixo rendimento dos alunos (8 escolhas); seguido pelo afastamento dos professores (licença médica) (6); medo e insegurança por parte dos professores (5); medo e insegurança por parte dos alunos (4); repetência (3); evasão escolar (2) e doenças físicas provocadas pelos problemas e pressões (estresse) (1). Apenas um dos alunos afirmou ter sofrido algum tipo de violência dentro da escola, o *bullying*.

Quando perguntados sobre sugestões para combater a violência do ambiente escolar, os alunos relataram maior rigidez nas regras e respeito, Todos afirmaram que a escola não possui nenhum tipo de estratégia, projeto, trabalho ou palestra no combate à violência escolar, e que não têm contado com a participação dos familiares (4 escolhas) ou têm contado apenas em parte (3 escolhas), na resolução do problema da violência. Às vezes, as escolas, a fim de combaterem a violência, utilizam-se de mecanismos disciplinares, com uso de sistemas de punições severos, incluindo expulsões e encaminhamento dos “maus elementos” à polícia, conforme pesquisa de Ruotti (2010, p. 353). Isto, com vigilância constante e postura rígida dos dirigentes (obediência



mantida pela coerção), ao invés de estabelecer o respeito às regras de convivências instituídas. Tal atitude não induz ao respeito mútuo e nem demonstra a capacidade de “negociação de diferenças e conflitos no ambiente escolar”.

## **6.2 Atividades Desenvolvidas**

As atividades previstas foram desenvolvidas em sua totalidade, mesmo com o período em que se aguardou a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB. Inclusive, muitas atividades extras e, portanto, não previstas, mas com a finalidade de desenvolver a Paz na Escola, foram acrescentadas à metodologia da pesquisa, a serem apresentadas posteriormente, neste trabalho. Essa situação é prevista pelo modelo metodológico adotado neste trabalho, qual seja a epistemologia qualitativa, que pode permitir tanto a correção dos “rumos” da pesquisa, em seu desenvolvimento, como realizar novas atividades para potencializar os resultados.

As atividades previstas e desenvolvidas na pesquisa durante o período de um ano, segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019, foram: submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, aprovado sem pendências; aplicação do questionário do pré-teste e tabulação dos dados coletados; entrega de oito folhetos sobre a Paz na Escola, com reflexão sobre os mesmos, em seis deles; realização do Concurso de Música e Dança, os quais, por sugestão da coordenadora da escola, motivariam mais a participação dos alunos (em todos os concursos os alunos vencedores, nos três primeiros lugares, receberam uma mochila com materiais escolares); a execução de atividades no Dia da Consciência Negra; três oficinas de teatro dadas por um professor de Comunicação do UniCEUB, com longa experiência na área; três rodas de conversas sobre os problemas da escola, com alunos de Psicologia do UniCEUB, do último semestre, sob a supervisão da professora de Psicologia Escolar; a aplicação dos questionários do pós-teste; reuniões semanais com toda a equipe e; uma reunião geral do Grupo de Pesquisa Prática Pedagógica e Formação do Professor, onde foi apresentado este trabalho e feito o convite para a ampliação da participação de seus integrantes, a fim de se alcançar maior êxito no trabalho. Nessa reunião, vários participantes do grupo de pesquisa propuseram-se a ajudar no projeto. Também, foi feito um estudo por uma professora do curso de Arquitetura do UniCEUB, sob a

qualidade física do ambiente escolar do Colégio Gisno. Portanto, quanto aos objetivos inicialmente propostos, todos foram alcançados.

O que ocorreu de alteração na proposta inicial do projeto foi que se resolveu dar ênfase na comunicação ao termo A Paz na Escola, ao invés de O Combate à Violência, tendo em vista o caráter negativo que o termo violência encerra. Também, mudou-se a ordem de algumas atividades e inclusão de outras. Vale registrar que, em todas as atividades, tinham que estar presente o tema A Paz na Escola.

Várias outras atividades não previstas no cronograma inicial foram realizadas, quais sejam:

- conseguiu-se mais dois alunos do PIC/Júnior;
- foi realizada uma apresentação geral do projeto para todos os alunos atendidos, não prevista no planejamento;
- no primeiro concurso, o de música, teve mais participantes do que se esperava e se pôde contar com as valiosas contribuições de cinco voluntários especialistas em música, na realização das atividades e na composição do júri;
- após a entrega do primeiro folheto, decidiu-se inserir uma mensagem motivadora no verso dos prospectos, como um Caça-Palavra sobre o tema do projeto, uma música sobre a paz, de autoria de Gabriel, o Pensador, entre outros conteúdos;
- mandou-se confeccionar uma faixa, escrito “O GISNO e o UNICEUB na Campanha pela Paz”, a qual é afixada em todas as atividades;
- como os kits para presentear os vencedores do concurso de música não ficaram prontos, levou-se várias caixas de bombons para entregar aos vencedores, além de pirulitos para todos os alunos, estes últimos também distribuídos no concurso de música e dança;
- houve a sensibilização\* em sala de aula de três folhetos entregues, o que também não estava previsto, atividade esta na qual contou-se com a participação de uma professora do UniCEUB e participante do grupo de pesquisa, ao qual este trabalho pertence;

\*Neste trabalho o termo sensibilização é entendido como a discussão do conteúdo do folheto e não apenas a sua entrega, para a otimização dos resultados.

- foi feita uma atividade para o dia da Consciência Negra, com uma dinâmica sobre a Paz na Escola, com a participação de todos os bolsistas do PIBIC/PIC, a qual contou também com a participação de voluntários (professor de música e animador, e uma estudante de Direito e estudiosa em Direitos Humanos; Foram realizadas três oficinas de teatro, por um profissional da área.
- Duas alunas do curso de graduação do UniCEUB, também se prontificaram a ajudar voluntariamente no desenvolvimento do projeto;
- A palestra foi trocada por Rodas de Conversa (três) onde, alunos do último ano de Psicologia do UniCEUB, sob a supervisão da professora de Psicologia Escolar, assumiram grupos de alunos e conversaram sobre as contribuições sobre a Paz na Escola.

### **6.3 Resultados do Pós-Teste**

Na pesquisa realizada, dos 25 estudantes, 12 eram meninas e 13 meninos, sendo entre todos, 3 alunos com 13 anos de idade, 15 alunos com 14 anos de idade, 5 com 15 anos de idade e apenas 2 com 16 anos de idade. Destes, apenas 3 alunos estavam no 9 ano, enquanto os demais estavam no 8 ano.

Quando perguntados se reconheciam que ocorreu um projeto na escola sobre a paz, com participação do CEUB 12 destes disseram que sim, e 1 especificou a roda de conversa. 10 alunos afirmaram que não participaram de nenhuma das atividades propostas pelo projeto, enquanto 2 participaram como concorrentes do concurso de música e 2 como ouvintes, 7 alunos no sarau da consciência negra, apenas 1 do concurso de dança, 3 da oficina de teatro e 7 da roda de conversa.

Sobre o recebimento dos folhetos, 16 os receberam e 9 não os receberam. Quanto ao fato de eles terem provocado alguma modificação nos alunos, 7 afirmaram que não, 6 não responderam ou não sabiam e 12 disseram que sim ou mais ou menos (transmitir paz, respeito, consciência e atitude). Quanto ao Dia da Consciência Negra, 15 não participaram ou não responderam e 11 participaram e gostaram (mostrou a relação da cultura afro com o Brasil; nunca devemos desprezar alguém).

Quanto ao concurso de dança, como houve um problema com o som, na hora, apesar de alguns alunos terem dançado sem o som, optamos por não tabular este item. Em relação à oficina de teatro, apenas 4 participaram, e gostaram mais ou menos.

Sobre as Rodas de Conversa, 15 alunos participaram e quase 100% gostaram e acharam importante. 10 não participaram ou responderam, mas as Rodas de Conversa não estavam disponíveis para todos os alunos.

Ao ser perguntado se as atividades desenvolvidas durante um ano escolar, se contribuíram para a paz na escola, 11 alunos disseram que sim (não há *bullying*, como antes; as que mais contribuíram foram as oficinas e as Rodas de Conversa; ajudou os alunos a refletirem e as pessoas a ficarem mais tranquilas). 14 acharam que não contribuíram ou não responderam à questão (os motivos apontados foram que os alunos são hostis, que não contribuem, que houve falta de interesse e falta de educação por parte dos estudantes).

A respeito de quais atividades devem ser feitas na escola para contribuir com a cultura da paz, 12 alunos disseram não saber ou não responderam e 13 sugeriram atividades: cinco sugeriram rodas de conversa, dois citaram jogos e os demais citaram: concursos, atividades sociais, rotina menos cansativa, yoga, teatro, cinema, cartazes e atividades que envolvem colaboração. Perguntados se queriam dar mais alguma sugestão, alguns alunos sugeriram: atividades sobre a paz, aprendizado mais sério.

Diante dos dados apresentados, consideramos que o projeto foi significativo para a escola, devendo, portanto, continuar. Dos 25 alunos questionados, houve a participação em 23 atividades, 16 receberam os folhetos e 12 disseram que, com sua entrega, ocorreu algum tipo de modificação na cultura pela paz. 12 participaram do Dia da Consciência Negra e que o consideraram importante. Sobre as Rodas de Conversa, os resultados foram impressionantes. Apesar de somente alguns alunos terem tido a oportunidade de participar delas, 15 alunos participaram e quase 100% gostaram das rodas. Concluindo, 11 alunos consideraram que o trabalho contribuiu para a Paz na Escola e 13 sugeriram atividades de continuidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pôde perceber durante um ano de trabalho foi curiosidade por parte dos alunos, observando a realização das atividades; grande envolvimento dos alunos no concurso de música; empenho dos alunos bolsistas do PIBIC, inclusive dos alunos do PIC/Júnior; participação da coordenadora do Colégio no projeto, que proporciona total apoio e ajuda ao projeto. Destaca-se também o envolvimento de outras pessoas do grupo de pesquisa “Prática Pedagógica e Formação do Professor” e até de pessoas voluntárias (professores do UniCEUB e pessoas da comunidade, especialistas em algumas das atividades previstas), neste trabalho.

Com relação aos objetivos do trabalho, todos foram atingidos, quais sejam: diagnosticar situações e causas de violência física, material e emocional nas escolas; propor ações durante o desenvolvimento do projeto, a fim de diminuir as situações de violência na escola; e verificar o resultado das ações implementadas.

As hipóteses foram confirmadas, sobretudo com relação à “o trabalho pedagógico realizado com ações e mensagens sobre a paz na escola poderá contribuir na solução de alguns problemas de violência e estabelecer novas relações sociais”, tendo em vista que já foi verificado que o trabalho teve resultados, conforme o pré-teste, onde pode-se perceber que a metade dos alunos afirmaram que os folhetos atingiram os alunos, com mensagens sobre a Paz na Escola (paz, respeito, consciência e atitude); a efetividade das “Rodas de Conversa”; e 11 alunos que não há *bullying*, como antes; que ajudou os alunos a refletirem e as pessoas a ficarem mais tranquilas.

Acredita-se que, como resultado deste trabalho, possam ser sugeridas alternativas de soluções para escolas de outras regiões de Brasília.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio. A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cadernos cedes*, ano XIX, n.47, dez. 1998. Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33502069/Aquino\\_-\\_A\\_violencia\\_escolar....pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1524757792&Signature=bVWH1%2Fc8kpMkStLKUXAlfwFpmul%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA\\_violencia\\_escolar\\_e\\_a\\_crise\\_da\\_autorid.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33502069/Aquino_-_A_violencia_escolar....pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1524757792&Signature=bVWH1%2Fc8kpMkStLKUXAlfwFpmul%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_violencia_escolar_e_a_crise_da_autorid.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2018.
- ARENDR, H. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2009.
- ARRIETA, G. A. *A violência na escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola*. Canoas: ULBRA, 2000.
- BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96*. Brasília: MEC, 1996.
- CANDAUI, V. M.; LUCINDA, M. da C.; NASCIMENTO, Maria das G. *Escola e Violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CARVALHO, José Carlos de Paula. *Antropologia das organizações e educação: um ensaio holonômico*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIAUT, M. *A violência na escola*. São Paulo: Summus, 1999.
- CONSTANTINI, A. *Bullying: como combatê-lo?* São Paulo: Itália Nova, 2005.
- COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Grad, 2007.
- DISTRITO FEDERAL. Secretariado Estado de Educação, *Currículo da educação básica das escolas públicas do DF, ensino fundamental 5ª a 8ª série*. Brasília: Subsecretaria de Educação Pública, 2002.
- DURAND, Yves. A formulação experimental do AT. 9. In: *Revista FEUSP*, São Paulo, 14(1), 1980 (trad. Prof. Dr. J. C. de Paula Carvalho).
- \_\_\_\_\_. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Lisboa: Presença, 2012.
- FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A Contribuição da Psicologia Escolar na Prevenção e no Enfrentamento do *Bullying*. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v.16, n.1, jun. 2012.
- FONTES, M. M. A. Violência nas escolas: a crise da autoridade, *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 15, 1, p. 77-85, março, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional, a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. (2005). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson, 2005.
- \_\_\_\_\_. (2006). O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: M. C. V. R. Tacca. *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas: Átomo e Alínea, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. La Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación, Playa, 1997.
- GUIMARÃES, E. *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: URJ, 2008.
- JORNAL NACIONAL. *Aluno atira em colegas dentro de escola em Goiânia e mata dois*, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/10/aluno-atira-em-colegas-dentro-de-escola-em-goiania-e-mata-dois.html>>. Acesso em: 26 abr. 2018.
- LOPES NETO A. A.; SAAVEDRA LH. *Diga não para o bullying*. ABRAPIA. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

TACCA, M. C. V. S. (2008). Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. *Psicol. cienc. prof.* v.28 n.1 Brasília mar. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932008000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100011)>. Acesso em: 10 ago. 2019.

WASELFSZ, Julio Jacobo; MACIEL, Maria. *Revertendo violências, semeando futuros; avaliação de impacto do Programa Abrindo espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco* / Julio Jacobo Waiselfisz e Maria Maciel. – Brasília: UNESCO, 2003.

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP):** Protocolo previamente avaliado, com Parecer n.2.856.948/18, tendo sido homologado na 15ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano, em 24 de agosto de 2018.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PRÉ-TESTE**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (UniCEUB)  
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNICEUB  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/2019.

**QUESTIONÁRIO SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR**

Caro (a) aluno (a):

Contamos com sua contribuição e sua ajuda no sentido de fornecer informações relativas à violência na escola:

**A – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Sexo    ( ) masculino                      ( ) feminino  
Idade    ( ) 12 a 16 anos                      ( ) 17 a 19 anos

**B – CONHECIMENTOS SOBRE VIOLÊNCIA**

**Assinale com um X uma alternativa do que você sabe e conhece sobre as seguintes questões:**

1 - Para você, violência significa:

- ( ) agressão à parte física e/ou psicológica de uma pessoa ou a um grupo.
- ( ) violência moral ou social a uma pessoa ou a um grupo.
- ( ) discriminação e práticas que humilham pessoas.
- ( ) xingamentos.
- ( ) todos acima citados.
- ( ) não sei.

2 - O *bullying* significa:

- ( ) uma briga entre duas pessoas.
- ( ) atos de violência verbal (com palavras) ou física contra pessoas.



- ( ) uma briga entre gangues.  
 ( ) agressão repetitiva física ou verbal contra colegas em situações inferiores.  
 ( ) todos acima citados.  
 ( ) não sei.

3 - Para você, a cultura pela paz significa:

- ( ) a busca por solucionar os conflitos da escola por meio do diálogo e do entendimento.  
 ( ) respeito aos direitos humanos no dia-a-dia.  
 ( ) promover ações de não-violência.  
 ( ) uma rotina baseada em tolerância e na solidariedade.  
 ( ) todos acima citados.  
 ( ) não sei.

4- A sua escola apresenta problemas de violência?

Sim ( ) não ( )

Se afirmativo, explicitar os três maiores, se houver:

---



---



---

**A partir desta parte, você poderá assinalar mais de uma alternativa:**

5 – Qual (ais) o (s) tipo (s) de violência é (são) mais frequente na sua escola:

( ) violência física	( ) violência verbal	( ) desrespeito aos colegas
( ) dependência química (uso de drogas)	( ) desrespeito aos professores	( ) desrespeito aos funcionários
( ) brigas de gangues	( ) abuso de poder e de autoridade por parte de colegas ou da escola	( ) <i>bullying</i>

6 – O (s) local (is) onde acontece a violência com mais frequência na sua escola é (são):

<input type="checkbox"/> na escola como um todo	<input type="checkbox"/> durante os esportes	<input type="checkbox"/> nos banheiros
<input type="checkbox"/> na sala de aula	<input type="checkbox"/> no recreio	<input type="checkbox"/> nas imediações da escola
<input type="checkbox"/> no pátio	<input type="checkbox"/> nos corredores	<input type="checkbox"/> na saída
<input type="checkbox"/> nas festas comemorativas		

7 – Em relação ao problema da violência, este (s) tipo (s) de consequência (s) tem (têm) sido apresentados na escola?

- afastamento dos professores (licença médica)
- evasão escolar (o abandono da escola)
- baixo rendimento dos alunos
- repetência
- medo e insegurança por parte dos professores
- medo e insegurança por parte dos alunos
- doenças físicas provocadas pelos problemas e pressões (estresses)

**Por favor, a partir daqui, volte a assinar apenas uma alternativa.**

8 – Você já sofreu algum tipo de violência na escola?

Sim (  )                      não (  )

Se afirmativo, explicitar qual (is):

---

---

---

9 – Você tem alguma (s) sugestão (ões) de medida (s) para o combate à violência na escola?

Sim (  )                      não (  )

Se afirmativo, explicitar três, caso as tenha:

---

---

---

10 – A escola tem alguma (s) estratégia, projeto, trabalho ou palestra no combate à violência escolar?

Sim (  )                      não (  )

Se afirmativo, explicitar quais, se houver:

---

---

---

11 – Esse (s) evento (s) tem (têm) contado com a participação da família e da comunidade?

( ) Sim

( ) Não

( ) Em parte

( ) Não sei

12 – Por último, este é um espaço em que poderá escrever mais alguma coisa sobre a violência na escola, caso deseje:

---

---

---

---

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA PÓS-TESTE



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (UniCEUB)

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNICEUB

\_\_\_\_/\_\_\_\_/2019.

### QUESTIONÁRIO

1) Dados de identificação do participante:

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Idade: \_\_\_\_\_

Ano do Ensino Fundamental II em que está: \_\_\_\_\_

### QUESTÕES

1 Você teve conhecimento que aconteceu há mais ou menos um ano, aqui na escola, um projeto sobre a Paz, com a participação do UniCEUB? Marque a resposta:

Sim ( ) Não ( )

2 Você participou de alguma(s) da(s) atividade(s)? Se sim, qual(ais)? Assinale com X as que participou:

Concurso de Música como concorrente ( )

Concurso de Música como ouvinte ( )

Dia da Consciência Negra ( )

Concurso de Dança como ouvinte ou participante ( )

Oficina de Teatro ( )

Roda de Conversa ( )

Não participei ( )

3 Você recebeu algum(ns) folheto(s) da campanha sobre a Paz na Escola? Quantos mais ou menos?

Consegue lembrar qual(ais)?

---

---

---

4 Você acredita que estes folhetos provocaram alguma modificação nos alunos? Qual(ais)

---

---

---

5 Caso tenha participado do Concurso de Música, o que achou?

---

---

---

6 Caso tenha participado do dia da Consciência Negra, o que achou?

---

---

---

7 Caso tenha participado do Concurso de Dança, o que achou?

---

---

---

8 Caso tenha participado da oficina de teatro, o que achou?

---

---

---

9 Participou da Roda de Conversa com o psicólogo? Se sim, o que achou?

---

---

---

11 Você acredita que estas atividades contribuíram para a Paz na Escola? Explique.

---

---

---

12 Que atividades você acha que devem ser feitas para contribuir com a Paz na Escola?

---

---

---

13 Você considera que há problemas de violência na escola? Se sim, qual(ais)?

---

---

---

14 Gostaria de dar alguma sugestão sobre este tema?

---

---

---

---

## APÊNDICE C – MONTAGEM DOS FOLHETOS DISTRIBUÍDOS

## 1 COMBATE À VIOLÊNCIA





2 INCENTIVO À GENTILEZA (FRENTE)



2 INCENTIVO À GENTILEZA (VERSO). “PAZ, GABRIEL PENSADOR”.

Eu vou a luta, eu vou armado de coragem e consciência  
Amor e esperança  
A injustiça é a pior das violências  
Eu quero paz, eu quero mudança.  
Dignidade pra todo cidadão  
Mais respeito, menos discriminação  
Desigualdade, não. Impunidade, não  
Não me acostumo com essa acomodação.  
Eu me incomodo e não consigo ser assim, por que eu  
preciso da paz  
Mas a paz também precisa de mim.  
A paz precisa de nós. Da nossa luta, da nossa voz.  
Paz, aonde tu estás? Aonde você vive? Aonde você jaz?  
Onde você mora? Onde te encontramos?  
Onde você chora? Onde nós estamos?  
Onde te enterramos? Que lar você habita?  
Onde nós erramos? Volta, ressuscita.  
Será que a paz morreu, será que a paz tá morta?  
Será que não ouvimos quando a paz bateu na porta?  
A paz que não tem vaga, na porta da escola  
A paz vendendo bala, a paz pedindo esmola  
A paz cheirando cola, virando adolescência  
Atrás de uma pistola virando violência.  
Será que a paz existe, será que a paz é triste?  
Será que a paz se cansa da miséria e desiste?  
A paz que não tem vez, a paz que não trabalha  
A paz fazendo bico, ganhando uma migalha  
No fio da navalha, dormindo no jornal  
Atrás de ma metralha virando marginal



3 INCENTIVO À PAZ (FRENTE).



**INDEPENDENTE  
DO LADO QUE  
VOCÊ ESTEJA,  
CULTIVE A PAZ**

## 3 INCENTIVO À PAZ (VERSO)

## Caça-palavras

As palavras deste caça-palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal.

AJUDA  
AMIZADE  
AMOR  
BONDADE  
COLABORAÇÃO

PAZ  
SOLIDARIEDADE  
TRANQUILIDADE  
HARMONIA  
EQUILIBRIO

O S O L I D A R I E D A D E E T C A  
H T R I U H I W O A L T J N T C L S  
U S M E B E A T F H I A E U A O O C  
F O S H N M M R D D T A H T D L T H  
A H W E T I I G M T R A L T W A E E  
B V A S I N Z H L O P A S K A B T W  
C O I L L E A E L L N D Y A T O C F  
A O N R I M D L E Q U I L I B R I O  
C G T D O B E T I N A P A Z B A R S  
A B T R A N Q U I L I D A D E Ç T O  
O R U T H D Y O D E W T D F B ã T E  
R N U L L P E N E S A I A F E O U H

By: Giovana FMT



## 4 FORMAS DE GENTILEZA (FRENTE).



#### 4 FORMAS DE GENTILEZA (VERSO).

**VOGÊS JÁ DERAM ESTAS SUGESTÕES DE COMO  
PROMOVER A PAZ NA ESCOLA. VAMOS PRATICAR?**

- **DIALOGAR**
- **ESCUTAR**
- **OLHAR**
- **COMPREENDER**
- **RESPEITAR**

**INSCREVA-SE NA OFICINA DE TEATRO**

**MAIS INFORMAÇÕES NA  
PÁGINA DO GISNO NO FACEBOOK**



5 ATITUDES (FRENTE)

Nada muda se você  
não mudar.

Durma com ideias,  
acorde com atitudes!



**CAMPANHA PELA PAZ**

## 5 ATITUDES (VERSO)

**As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário**

F N T O O H I L T F I O G E S A H H N T S W  
 P H H Y N U E E T F G F A A N H T A U I O K  
 H T D T E O O U H R H U G O O S D D E N I N  
 E S I H W H Z E Y O N H N O O O V D I C E D  
 D S V E T T U T E N C O A C H L A D L L L G  
 U R E Y T A I E R V O F I O N I E U A U E C  
 C L R H L T I E P T G E A T E D D S E S A W  
 A D S P S Y M E C A D B B T P A Z R T Ã T L  
 Ç D I O A H S A K A E E E R N R S L O O O R  
 Ã A D L L F O R D Y R E S P E I T O H T D S  
 O L A L E L N E T R A T M S N E D T O I A O  
 E E D E S E N G A W T E E F A D U H O V D P  
 B T E T W I Y E O Y M F R E I A H R E O N U  
 H T U N E A O L O R I G U A L D A D E N O U  
 R W O E F T A C F B E Y A O E E O L I M H I  
 A I L C D B O U S D I O F R N L K I A M S T

DIVERSIDADE  
EDUCAÇÃO

IGUALDADE  
INCLUSÃO

PAZ  
RESPEITO

SOCIEDADE  
SOLIDARIEDADE





**6 MUNDO MELHOR (FRENTE).**

O que você poderia  
fazer para tornar o  
mundo melhor?





## 7 DEZ COISAS PARA APRENDER (FRENTE)

# DEZ COISAS FÁCEIS DE APRENDER

Agradecer

Pedir por favor

Cumprir o que combina

Avisar com antecedência

Reconhecer o esforço alheio

Dar satisfação a quem se deve

Responder com educação

Falar a verdade

Ser pontual

Ser ético

## 7 DEZ COISAS PARA APRENDER (VERSO)

**As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.**

D N A C A H E C O M P R E E N S ã O  
 E P S O L A M I Z A D E T A S A I S  
 S A P R E N D I Z A G E M T E I H M  
 E I R A I O S G L A R A L E G R I A  
 J X E Ç O I R R N N E T S T B T S S  
 O ã S ã C U N N A M O R O E N C O S  
 I O P O E C O M P A R T I L H A R A  
 S W E G N R E A E U I J E S O R R G  
 M F I M T N A T S N O E S S S I E  
 D O T O T A C A R I C I A S W N S N  
 R Y O E D E G O O ã O E F H T H O S  
 H O A B R A Ç O S O E I E E S O S V

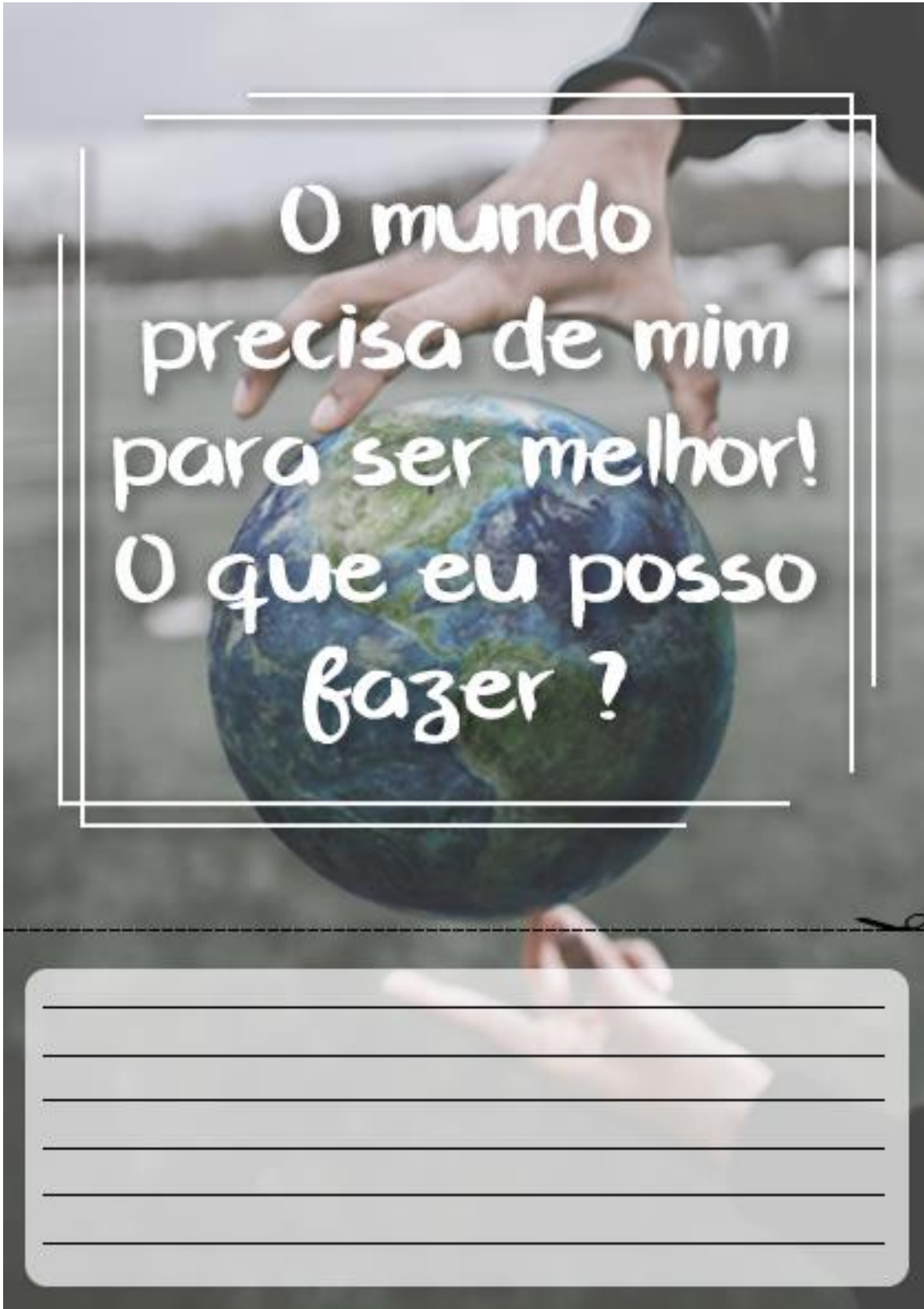
**ABRAÇOS**  
**ALEGRIA**  
**AMIZADE**  
**APRENDIZAGEM**  
**BEIJO**  
**CARICIAS**

**CARINHO**  
**COMPARTILHAR**  
**COMPREENSÃO**  
**CORAÇÃO**  
**DESEJO**  
**ETERNAMENTE**

**MASSAGENS**  
**NAMORO**  
**PAIXÃO**  
**RESPEITO**  
**SORRISOS**  
**UNIÃO**



## 8 MUNDO MELHOR (FRENTE)



O mundo  
precisa de mim  
para ser melhor!  
O que eu posso  
fazer ?

---

---

---

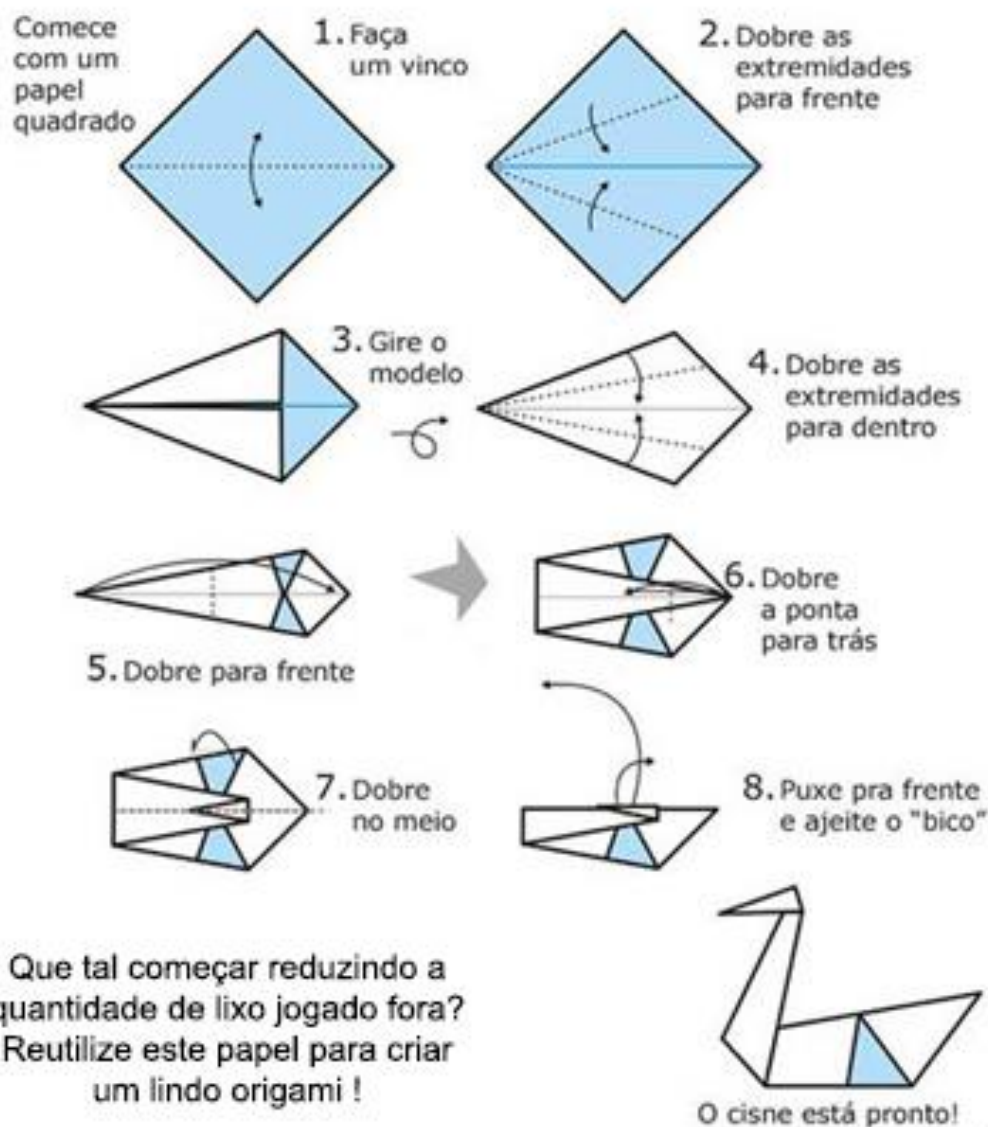
---

---

---

---

## 8 MUNDO MELHOR (VERSO)



Não gosta de origami? Tudo bem, mas não esqueça de jogar o lixo no lugar adequado, de preferência em lixeiras específicas para reciclagem.

Se cada um fizer a sua parte podemos transformar o mundo em um lugar melhor para se viver.



## APÊNDICE D – MONTAGEM DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS





# CONCURSO DE DANÇA



# CONCURSO DE MÚSICA DO GISNO

